

TIME

O barril de pólvora da **Amazônia**

O fogo intenso já destruiu um rico acervo biológico. Mas o pior ainda está por vir



CAPA

AMAZÔNIA: A rota da destruição.....4
A Floresta Amazônica continua a queimar, cada vez mais depressa. O processo de destruição segue o passo das estradas, pois os incêndios ocorrem ao longo das vias de acesso. É a mão do homem que traz o fogo devastador. Para frear esse processo e antecipar alguns dos efeitos da tragédia iminente, o cientista norte-americano Dan Nepstad simula uma seca no meio da floresta

EUROPA

COMBUSTÍVEL: A revolta da gasolina.....12
Em protesto contra os altos preços da gasolina, os europeus resolveram bloquear o abastecimento em seus países. O custo do barril de petróleo é parte do problema. Mas, para muitos europeus, os verdadeiros responsáveis pela crise são os seus próprios governos, que cobram impostos exorbitantes pela gasolina e lucram com a alta dos preços internacionais

ARTES E ENTRETENIMENTO

CINEMA: Elas por elas.....14
As mulheres foram as estrelas do último Festival Internacional de Cinema de Toronto. Foi o que se viu no trabalho de diretores consagrados, como Claude Chabrol e Kathryn Bigelow, e numa versão francesa de *Thelma & Louise*, que mistura violência e sexo explícito. Destacou-se também o ousado filme de Jafar Panahi sobre mulheres condenadas pela Justiça do Irã

A M É R I C A L A T I N A

A estrada do

INCURSÃO:

A poeirenta estrada que
liga Santarém a Cuiabá
deve ser asfaltada logo

PAULO FREIMAN PARA TIME (1)

A Floresta Amazônica está virando fumaça
cada vez mais depressa e o asfaltamento das estradas
alimenta a destruição

desastre

EUGENE LINDEN SANTARÉM

PAULO FRIDMAN PARA TIME (2)

MEU DESTINO ERA UMA ÁREA MINÚSCULA NA Bacia amazônica, um pontinho de terra com apenas um quilômetro quadrado, no meio da Floresta Nacional de Tapajós, uma reserva natural a 67 quilômetros de Santarém, no Estado do Pará. Depois de um verdadeiro rali ao longo de uma estrada esburacada e inundada no interior do Pará, enfrentei uma caminhada derrapante e finalmente cheguei ao objetivo: uma paisagem surrealista no coração da floresta tropical, numa reserva biológica criada há 25 anos. Até onde a vista alcançava, plásticos transparentes recobriam o solo da mata, entrecortado por uma intrincada rede de trincheiras e buracos. Ao descer até o fundo de um deles, descobri que, apesar dos aguaceiros intermitentes que desabam sobre a região, a terra estava seca. Os toldos de plástico e as trincheiras foram concebidos para evitar que a umidade penetrasse nesse pequeno trecho de floresta. Como consequência, as grandes árvores da área afetada estavam ressecando, mesmo

com a água da chuva se espalhando pelas suas copas. A matança deliberada das árvores ("selvicídio") faz parte de um experimento de US\$ 700 mil, financiado pelo Brasil e pelos Estados Unidos, para drenar a umidade de uma pequena porção da floresta tropical e em seguida observar os resultados. Trata-se de uma versão controlada do que os botânicos temem que já esteja acontecendo na Amazônia, precursora de um desastre ainda maior que poderá ocorrer dentro de alguns anos —ou talvez dentro de apenas alguns meses.

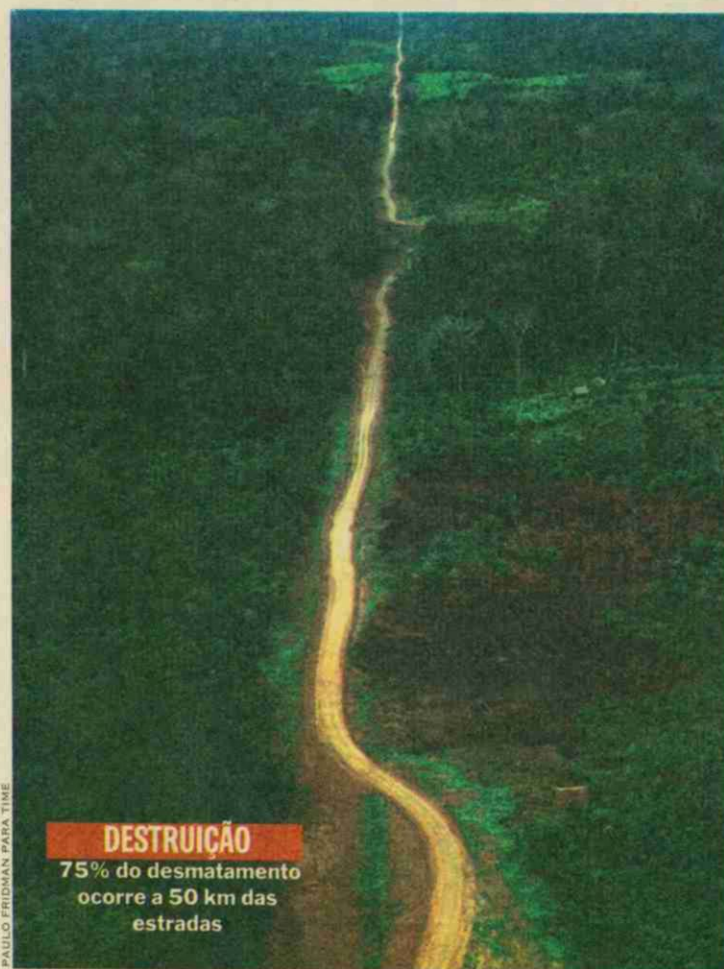
O responsável por essa experiência singular é o botânico

TESTE

O cientista Dan Nepstad criou uma seca artificial para conhecer a floresta

norte-americano Dan Nepstad, 42, um homem elegante e lacônico, que divide seu tempo entre o centro de pesquisa e educação ambiental Woods Hole Research Center, em Massachusetts, e o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), com sede em Belém. A natureza revela seus maiores segredos quando em perigo, já dizia o filósofo Francis Bacon no século 16. E é para desvendar esses mistérios que Nepstad realiza sua pesquisa nesse recanto de floresta tropical, na tentativa de salvar 150 milhões de hectares —uma área do tamanho da França— do risco iminente de destruição por incêndios gigantescos.





A PÓLVORA DA FLORESTA

As margens das estradas são mais vulneráveis ao fogo



Existem muitas evidências históricas que sustentam a tese de Nepstad. Todos os anos, uma parte cada vez maior da floresta tropical vira fumaça. Em 1998, com as mudanças climáticas decorrentes do fenômeno meteorológico El Niño e o consequente aquecimento das águas do Oceano Pacífico que banham a América do Sul, aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados da Amazônia brasileira foram arrasados pelo fogo. Os males decorrentes da intoxicação pela fumaça mataram 700 pessoas, segundo o Ipam. No ano seguinte, quando Fernando Henrique Cardoso tentou o que seria a primeira visita oficial de um chefe de governo ao Acre em 30 anos, a floresta continuava em chamas. O presidente foi forçado a cancelar a viagem por causa da fumaça que tomou conta do aeroporto da capital, Rio Branco, durante dois dias. Nepstad estima que, nos próximos anos, um terço da densa mata da Amazônia ficará vulnerável.

O solo seco da reserva em Tapajós pode ajudar o cientista a entender melhor a natureza dessa catástrofe em potencial. As árvores da floresta tropical extraem nutrientes do solo por meio das raízes, que sugam a umidade a uma profundidade de até 18 metros. Durante os períodos de secas como a de 1998, causada pelo El Niño, a vegetação pode esgotar rapidamente a água do solo e as árvores ressecadas se transformam em tochas potenciais.

O pavio nasce do El Niño, mas é o homem quem risca o fósforo. A ocupação humana da Amazônia é a principal responsável pelos grandes incêndios na região, muito mais do que os relâmpagos e outros fenômenos naturais. As invasões crescem a cada dia, assim como o desmatamento e

as queimadas para o plantio. Fogo, desflorestamento e estradas se interligam numa trindade nem um pouco santa. Em 1998, as autoridades brasileiras tiveram de combater enormes incêndios nos Estados do Pará (onde 40% do total de florestas já foi queimado), Roraima e Mato Grosso, a maior parte deles próxima às estradas. A única razão pela qual a densa região ao redor da reserva de Tapajós ainda não ardeu em chamas é que não há nenhuma estrada pavimentada ligando as áreas mais vulneráveis. Mas elas estão a caminho.

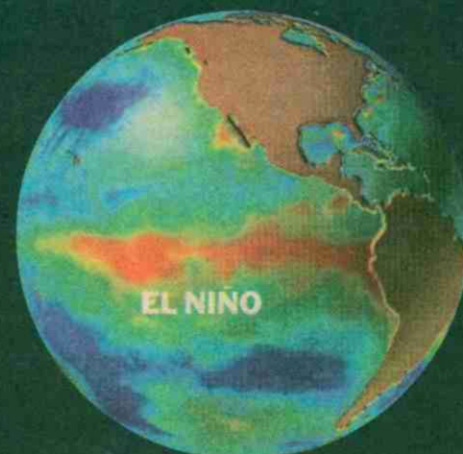
Cientistas de todo o mundo chegaram à conclusão de que a construção de estradas é o melhor indicador de desflorestamento em áreas tropicais. Na Amazônia brasileira, cerca de 75% do desmatamento ocorreu no limite de 50 km ao longo de alguma rodovia pavimentada. As estatísticas são surpreendentes: 26 anos após a pavimentação da estreita rodovia que liga Belém a Brasília, 58% das florestas desapareceram numa faixa de até 100 km de ambos os lados da estrada. Os 1.460 km da rodovia BR-364 entre Cuiabá e Porto Velho foram responsáveis pelo desaparecimento de um terço da mata à margem das estradas em apenas 15 anos.

Ignorando a devastação de 1998 e sem consultar o Ministério do Meio Ambiente, os Ministérios do Planejamento e dos Transportes aprovaram a pavimentação da última extensão da BR-163, que atravessa 1.741 quilômetros de Brasília até a cidade de Santarém, no Pará. O trecho não-pavimentado de 700 quilômetros corta a reserva nacional de Tapajós e outros milhões de hectares da parte mais vulnerável da floresta tropical.

O trecho inacabado leva seis dias para ser percorrido durante a estação chuvosa. Numa estrada normal, essa viagem levaria menos de um dia. A decisão de pavimentar a rodovia é, em grande parte, o resultado da intensa pressão exercida pela agroindústria, que vê a rota como um modo mais lucrativo de exportar soja (o país é o segundo maior exportador mundial do produto, atrás dos Estados Unidos). A multinacional norte-americana Cargill faz parte de um consórcio que planeja construir um enorme porto e um sistema de embarque de cargas em Santarém, a pacata cidade portuária localizada entre os rios Tapajós e Amazonas, a 700 quilômetros do Oceano Atlântico. A exportação via Santarém resultaria numa economia para os produtores de US\$ 1 para cada 30 kg de soja.

Nepstad argumenta que os lucros não compensarão os danos à floresta, porque um número maior de colonos chegará à região pela estrada e, com eles, os incêndios. Além disso, a experiência demonstrou que fogo gera fogo na Amazônia. As árvores mortas são o combustível de queimadas sucessivas e a temperatura nas clareiras é em geral 12°C mais elevada que a do solo da floresta tropical, cujas folhas bloqueiam e absorvem 99% da luz solar. Se a pavimentação da BR-163 for levada a cabo e as previsões de Nepstad se confirmarem, os exportadores de soja podem ser vítimas da própria falta de visão. Com a evaporação, a Floresta Amazônica devolve anualmente 7 trilhões de toneladas de água para a atmosfera, o equivalente a 50% da umidade proveniente das chuvas. Boa parte do vapor d'água é levada pelos ventos em direção aos Andes e depois ao sul, para se transformar em chuva

OS EFEITOS DO EL NIÑO



REVERSÃO DO VENTO

Primeiro, os ventos que levam o ar quente da costa da América do Sul para a Austrália ficam fracos ou mudam de direção

CORRENTES DE CONVERSÃO

Correntes se formam e levam o ar quente da costa do Chile e do Peru para o nordeste da América do Sul

DISPERSÃO DE CHUVAS

Essa dinâmica toma o lugar do ar quente e úmido normalmente liberado pela floresta amazônica e que, depois de frio, vira chuva e retorna ao solo. Com isso, provoca secas

SECA

As árvores mortas pela barragem Samuel agora alimentam o fogo

nas regiões de cultivo em Mato Grosso e Goiás, celeiros do Brasil. Em suma, sem a Floresta Amazônica ao norte, não há chuva no sul. A possibilidade de uma catástrofe ambiental ameaça muito mais do que árvores de áreas isoladas e distantes.

O fogo constitui, sem dúvida, a maior ameaça para a floresta tropical. Foram incêndios fora de controle que me trouxeram pela primeira vez ao Brasil, em 1989, quando publiquei um artigo para *TIME*, *Torching the Amazon* (Amazônia em chamas). Desde então, fiz várias viagens aos países vizinhos que fazem parte desse gigantesco ecossistema. Mas esse é meu primeiro retorno à Amazônia brasileira. Mesmo com a escalada de problemas, existem boas notícias.

Uma década atrás poucos poderiam prever que, no ano 2000, o imenso Estado do Amazonas, vizinho ao Pará, seria a região menos desmatada desse ecossistema. Sobretudo se lembrarmos que, naquela época, o atual governador, Amazonino Mendes, oferecia motosserras gratuitas a quem quisesse ajudar a derrubar a mata. Manaus, a capital, conheceu nos últimos anos uma rápida expansão econômica e de área, mas esse crescimento não foi seguido pelo desmatamento da circunvizinhança. Um dos motivos é o solo ruim, que desestimula a agricultura. Além disso, a maioria dos migrantes pode ganhar mais dinheiro na cidade.

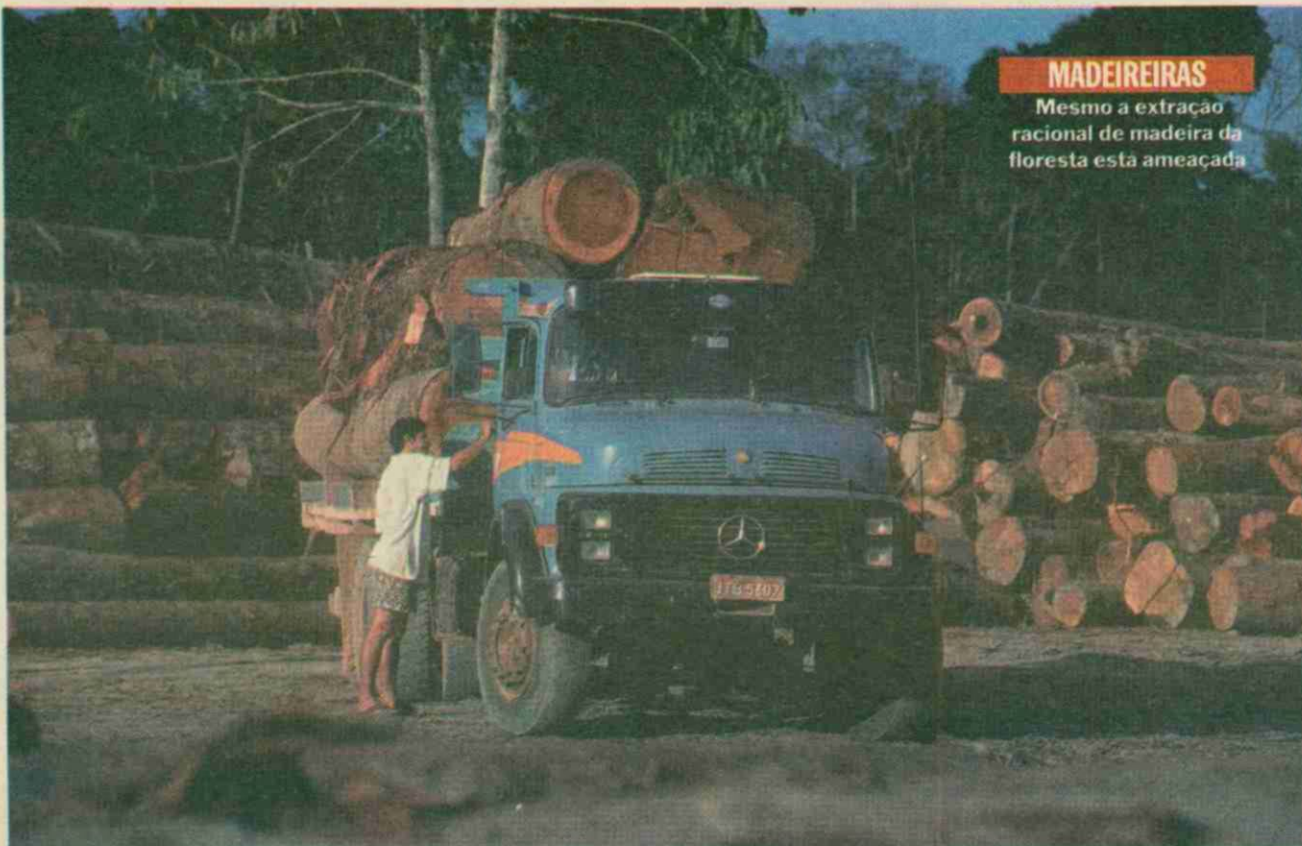
Houve também uma notável reviravolta na opinião pública brasileira no que se refere à Flores-

ta Amazônica. Em 1989, o então presidente José Sarney mantinha uma atitude defensiva e desafiadora frente aos que acusavam o Brasil de não proteger a Amazônia. Em contraste, em junho passado uma avalanche de protestos populares forçou o Congresso brasileiro a abandonar um plano de reduzir de 80% para 50% a área florestal a ser preservada como reserva natural nos futuros projetos de desenvolvimento na região. Entre os que mais criticaram esse recuo estava José Sarney Filho, ministro do Meio Ambiente e filho do ex-presidente desenvolvimentista. Uma mudança ainda mais extraordinária ocorreu no Acre, onde o ambientalista Chico Mendes foi assassinado em 1988 por fazendeiros irados com sua luta em defesa da floresta. O atual governador do Acre, Jorge Viana, foi eleito em 1998 numa campanha que enfatizava a proteção às florestas. Depois de eleito, ele engavetou os projetos do governo anterior de pavimentar 2.000 km de estradas no Estado. (No ano passado, Viana foi escolhido pela *TIME* como um de seus Líderes Latino-americanos para o Novo Milênio.)

Entretanto, as ameaças à floresta tropical vêm se agravando nos últimos tempos. É verdade que o Congresso brasileiro eliminou a maioria dos subsídios que estimulavam a criação de gado e a derrubada indiscriminada das florestas, e aprovou leis proibindo novos assentamentos em áreas de mata virgem. Mas, por outro lado, houve um estímulo a outras formas de destruição. Políticos em busca de

voto incentivaram cerca de 10 milhões de brasileiros pobres e sem terra a migrar para o interior do país, queimando as áreas verdes por onde passam. Os colonos insistem em usar o fogo, pois é um método fácil e barato de abrir clareiras para suas plantações de subsistência. O solo da floresta tropical, porém, não é propício à agricultura: é da própria natureza do ecossistema reciclar a matéria orgânica sem enriquecer a camada subjacente de solo. Com o desmatamento, o solo ácido da floresta fica exaurido depois de poucas colheitas. Isso, por sua vez, faz com que os lavradores continuem sempre mudando de local e vendendo essas áreas impróprias para a agricultura a pecuaristas em busca de terras baratas e já desmatadas. E assim a devastação avança. Em toda a região amazônica, vi enormes áreas de terra arrasada onde antes havia uma vastidão praticamente ininterrupta de árvores. No total, a Amazônia contém cerca de 550 mil km² de áreas desflorestadas, das quais uma terça parte já foi abandonada.

Em 1989, sobrevoei o reservatório da represa Samuel, um projeto hidrelétrico próximo a Porto Velho. Como a terra ali é totalmente plana, a represa recém-construída havia transbordado, inundando 46,5 mil hectares de floresta. Sobraram apenas milhares de árvores mortas, projetando seus galhos das águas rasas e criando um ambiente propício para a proliferação de mosquitos. As árvores mortas e os mosquitos continuavam ali quando voltei a so-



MADEIREIRAS
Mesmo a extração
racional de madeira da
floresta está ameaçada

PAULO FRIDMAN PARA TIME

longo da estrada. Os invasores chegaram pelos mais diferentes caminhos, inclusive as vias preferenciais para os cabos elétricos que atravessam a floresta. É notável que essa invasão ilegal tenha ocorrido à luz do dia, num dos trechos mais movimentados da rodovia de maior trânsito do Estado. E mais: essa dezena de clareiras foi aberta em menos de uma semana, uma investida coordenada que revela organização e planejamento. Antônio Alves, um dos colonos, conta que veio para cá porque ouviu dizer que a terra não era de ninguém. De fato, ela pertence a uma organização sem fins lucrativos que até agora não conseguiu seus títulos de propriedade. As autoridades do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) supõem que esses invasores receberam essa informação de um político local.

O pesquisador Nepstad teme que esse fenômeno se repita, multiplicado por mil, com a pavi-

brevoar a área. Mas, apenas onze anos depois, a represa está sendo reduzida pelo assoreamento e seu suprimento de água vem diminuindo, como foi previsto na época por quem se opunha à sua construção.

A cada ano o problema piora e uma parte cada vez maior da Amazônia é devastada pelo fogo. Nepstad descobriu que o desastre ambiental causado pelo El Niño em 1998 deixou danos de proporções muito maiores que o estimado. Mesmo nas áreas onde a cobertura vegetal permaneceu intacta, os incêndios do solo arrasaram milhares de quilômetros quadrados de vegetação logo abaixo das copas frondosas das árvores.

O botânico e seus colegas perceberam que está em curso um impressionante processo: os incêndios durante o primeiro ano de uma seca ajudam a deflagrar outras queimadas, mesmo que as chuvas voltem na estação seguinte. No primeiro ano de uma destruição causada pelo El Niño, as plantas extraem toda a água dos cinco metros da camada superficial da floresta tropical. A não ser que verdadeiras inundações reponham essa perda, o déficit de água não será compensado na estação chuvosa seguinte. Assim, na próxima estação seca, a umidade do solo só será obtida a um nível ainda mais profundo, fora do alcance das raízes. Como reação à falta de água, as folhas das árvores começam a cair, criando aberturas nas copas e acumulando material combustível no solo da floresta. Quando o sol penetra nessas aberturas e nas clareiras criadas pelos incêndios anteriores, forma-se o cenário para a queima das árvores maiores que conseguiram sobreviver ao ciclo de fogo anterior.

Os efeitos diretos e indiretos do próprio incêndio também reduzem o grau de umidade e precipitação, aumentando ainda mais as chances de novas

queimadas. A terra desmatada libera menos vapor d'água para a atmosfera e a fumaça inibe as chuvas. O espaço saturado com partículas que formam gotículas de água, mas essas gotículas permanecem pequenas, sem peso suficiente para se precipitar, e a água fica suspensa no ar em forma de umidade, segundo estudo feito por David Rosenfeld, pesquisador da Universidade de Jerusalém, em Israel. Isso amplia a possibilidade de mais incêndios, mais fumaça e menos chuva.

Repetida por muitos anos, essa combinação de seca, fogo e devastações pela ação do homem pode acabar por transformar a floresta tropical numa savana. É o que afirma Bruce Nelson, ecologista que trabalha desde 1979 com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Nelson acredita que os índios pré-colombianos foram os responsáveis pelo aparecimento da Gran Sabana na Venezuela — uma área de 75.000 quilômetros quadrados de savanas ao longo do sudeste do país —, devido à sua prática de realizar repetidas queimadas na floresta. Como prova, ele destaca que, ao contrário das pastagens naturais vizinhas, a Gran Sabana não possui espécies de árvores resistentes ao fogo. Em outras palavras, as florestas queimadas há séculos foram definitivamente extintas.

Em pleno século 21, pode-se observar um exemplo dramático e similar na saída de Porto Velho, tomando-se a direção sul da BR-364. Em 1989, muitas pequenas fazendas da região eram cortadas por trechos de mata virgem. Agora, boa parte da terra consiste de pastos imensos, ocupados por parte das 6 milhões de cabeças de gado de Rondônia. A cerca de uma hora da cidade é possível ver uma série de clareiras ilegais, abertas num dos poucos trechos remanescentes de mata virgem ao

longo da BR-163. Só que dessa vez as invasões ocorrerão na região mais propensa a incêndios da densa floresta tropical. Com uma única seca e a ação dos invasores trazidos pelo asfalto, as florestas ao longo da rodovia podem desaparecer num piscar de olhos. Caso isso aconteça, os cientistas avaliam que uma única estação de queimadas pode destruir 100 mil quilômetros quadrados de mata virgem, mais do dobro do total arrasado em todo Brasil em 1998.

Tanto os ambientalistas como as autoridades brasileiras com quem conversei estão perplexos com a aprovação do projeto de pavimentação da BR-364 sem as avaliações de praxe. Essa estrada faz parte de uma rede viária amazônica de 6.245 km que será pavimentada como parte do programa "Avança Brasil", destinado a criar infraestrutura para o desenvolvimento econômico. Marina Silva, senadora pelo Estado do Acre e uma das poucas no Congresso com preocupações ambientais, afirma que o programa governamental não foi colocado em debate. Mas a aprovação apressada teve efeito contrário, uma vez que a falta da apresentação de um relatório sobre o impacto ambiental deu aos adversários do projeto a oportunidade de barrá-lo temporariamente, enquanto a oposição se organiza.

Existe uma remota possibilidade de que a pavimentação da estrada seja impedida, já que, à exceção dos sem-terra, todos perdem com a ação descontrolada do fogo. José Baranak é um dos proprietários da madeireira Cemex e sua propriedade de 11 mil hectares é cortada pela BR-163. Ele teve de adotar medidas extraordinárias, como criar barreiras de propagação do fogo e programas de coleta de aparas, a fim de evitar que os incêndios

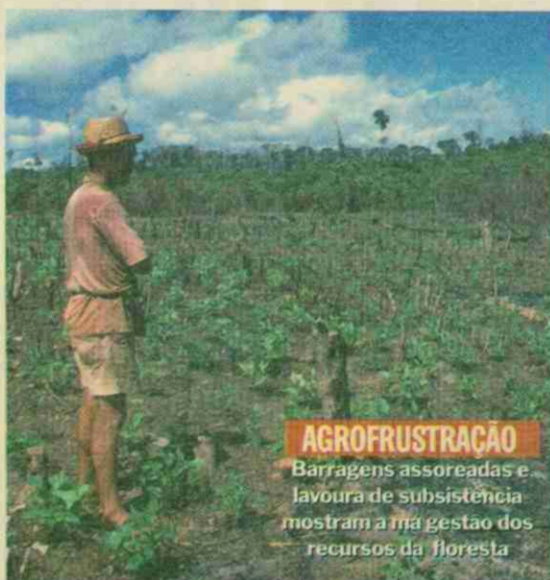
destruam a empresa que ele construiu ao longo de 22 anos de trabalho. A Cemex tem a maior folha de pagamento de Santarém e suas florestas, ao sul da cidade, são um modelo de preservação florestal. A empresa espera obter em breve um certificado oficial de protetora do meio ambiente.

Baranak não é exatamente um ambientalista, mas sim um preservacionista. Sua motivação: ele detesta qualquer tipo de desperdício. Setenta por cento dos 1.200 metros cúbicos de madeira exportada mensalmente pela Cemex vêm de terras onde Baranak implantou, desde o início, um programa efetivo de replantio. Seus sócios e funcionários tentam incentivar os vizinhos a reduzir a vulnerabilidade da área ao fogo. Embora demonstre boa vontade, a maioria deles carece de recursos para agir. Ele não entende o porquê de o governo não assentar os sem-terra em áreas que não sejam de florestas virgens. "Israel trouxe 500 mil russos num curto período de tempo com pouco planejamento", exemplifica. "O Incra simplesmente despeja essa gente no meio da floresta e acha que ali acaba sua responsabilidade." Mas embora saiba da possibilidade de uma catástrofe, Baranak vê a estrada não apenas como um fato inevitável, mas também como uma mudança positiva.

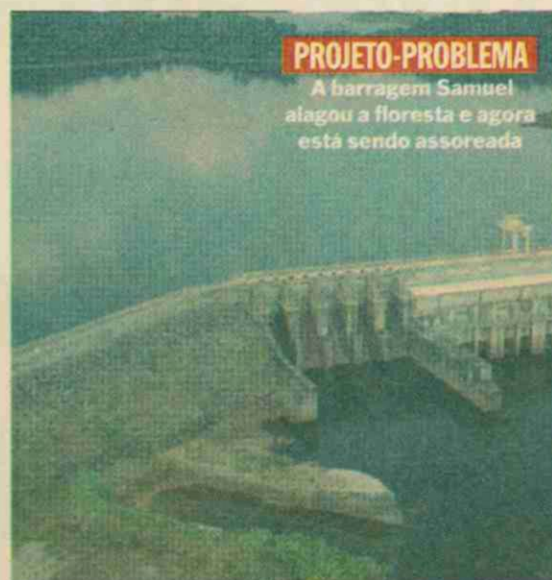
Mesmo assim, o proprietário da Cemex é considerado um cético na região. Ali todos falam da chegada do asfalto como uma espécie de solução mágica para o desenvolvimento econômico. Embora tenham os incêndios, poucos estabelecem a conexão destes com a rodovia. E um número ainda menor dos habitantes nessa parte do Pará tem consciência de que vive num barril de pólvora.

Talvez a melhor amiga da floresta seja a inércia social. Depois de mais de três décadas, a tão propagada rodovia Transamazônica ainda não foi pavimentada em toda a sua extensão. Outras estradas na região estão abandonadas. A que ligava Porto Velho a Manaus se torna intransitável a apenas duas horas de distância de Porto Velho. Segundo Nepstad, uma rede mais limitada de estradas pavimentadas poderia dar a Santarém acesso ao resto do Brasil em qualquer condição climática e conter as invasões ilegais de migrantes vindos do sul. Os exportadores de soja já asfaltaram o acesso às vias fluviais amazônicas que passam por Porto Velho.

Nas áreas da Amazônia onde a população já conhece os efeitos do asfaltamento, a mentalidade parece estar mudando. O governador Viana e grande parte da população do Acre não desejam o desenvolvimento descontrolado do restante de seu Estado, ainda relativamente virgem, como



AGROFRUSTRAÇÃO
Barragens assoreadas e lavoura de subsistência mostram a má gestão dos recursos da floresta



PROJETO-PROBLEMA
A barragem Samuel alagou a floresta e agora está sendo assoreada

PAULO FRIDMAN PARA TIME (3)

na atmosfera por ano. Esse volume dobra nos anos em que há grandes incêndios na floresta. Para combater a ameaça das mudanças climáticas, as Nações Unidas patrocinaram um acordo quanto aos gases causadores do efeito estufa, elaborado na Conferência de Kyoto, em 1998. Embora ainda não ratificado pelos Estados Unidos, o acordo prevê uma redução da emissão dos gases causadores do efeito estufa (quase todos compostos carbônicos) a

ocorreu em Rondônia. "Nossa luta é para garantir que não se repita aqui o que aconteceu em Rondônia", diz o governador.

Viana opta por não atacar as estradas, o que seria um suicídio para qualquer político, e procura oferecer alternativas para as aspirações dos moradores do Acre. Ele alega que as muitas vias fluviais navegáveis do Estado proporcionam ligação com vários mercados de consumo sem o risco do desmatamento. Para lidar com situações de emergência, o Acre está expandindo um sistema de aeroportos em vilarejos distantes. O governador está promovendo uma "economia da floresta", que busca obter lucros da natureza sem destruí-la. Num município, por exemplo, está sendo construída uma fábrica de preservativos que oferecerá mercado para o látex coletado pelos seringueiros da região. Ao aumentar o valor das seringueiras, ele espera frear a derrubada das árvores.

O governo do Acre, assim como os de outros Estados, tenta explorar todas as oportunidades de obtenção de lucros com a floresta. Com o mundo cada vez mais alarmado com o aquecimento global, os governos estaduais da Amazônia vêem surgir agora a possibilidade de uma nova mina de ouro: a utilização da mata virgem para o armazenamento do dióxido de carbono da atmosfera. O desmatamento das matas da bacia amazônica é responsável pelo lançamento de 100 a 300 milhões de toneladas de dióxido de carbono

níveis inferiores ao de 1990.

Uma maneira de contribuir para essa redução é determinar que florestas servirão como "sumidouros de dióxido de carbono", segundo o jargão ambiental. Se de fato surgir um mercado para "pacotes" de redução da emissão de gases causadores do efeito estufa, os Estados que contiverem o desmatamento contarão com um novo fluxo de recursos. Segundo estimativas, se o Acre se comprometer a reduzir pela metade o desflorestamento previsto ao longo de um trecho de 500 km da BR-364, poderá ganhar US\$ 37 milhões por ano em créditos do efeito estufa. Trata-se de um conceito arriscado, já que poderia criar um perverso incentivo aos governos estaduais para lançar projetos de desenvolvimento, na esperança de vender créditos com a sua interrupção. O governo federal ainda não comprou essa idéia. Entre outros motivos, o próprio conceito contém um reconhecimento implícito do fracasso das atividades federais para controlar o desmatamento. Porém ele tem mérito: é um dos poucos esquemas que se propõem a dar incentivos econômicos para a preservação florestal.

As idéias de Viana merecem atenção internacional. Ele reconhece o perigo detrás da expansão da rede viária na Amazônia e tenta oferecer meios de sobrevivência para a população, sem deixar de proteger a floresta. Seus programas também merecem atenção por outra razão: a Floresta Amazônica, de importância vital para todo o planeta, está sofrendo uma nítida ameaça por parte de forças capazes de extingui-la. Da primeira vez em que visitei esse grande pulmão verde, os cientistas e ambientalistas reconheciam as diversas ameaças, mas supunham que a Amazônia era grande demais para ser destruída pela insensatez de uma única geração. Mas a vulnerabilidade demonstrada no acidente causado pelo El Niño em 1998 provou ao mundo que isso não é verdade. À primeira vista, a decisão de pavimentar 700 km de estradas da floresta tropical não parece uma questão de interesse global. Mas a ruína que pode se seguir a essa decisão aparentemente inócua pode muito bem contribuir para um desastre de proporções mundiais.

“Nossa luta é garantir que não se repita em nosso Estado o que aconteceu em Rondônia.”



—Jorge Viana, governador do Acre